

SABERES E SABORES: A EXPERIÊNCIA DE UMA FEIRA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)

Alessandra Oliveira Teles, Wesley Freire dos Santos – UEFS
aoteles@uefs.br / wuh.freire@hotmail.com
GT 1- Formação em economia solidária e extensão universitária

Introdução

O que é Economia Solidária?

A Economia Solidária é fruto da organização de trabalhadores e trabalhadoras na construção de novas práticas econômicas e sociais fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano como sujeito e finalidade da atividade econômica, em vez da acumulação privada de riqueza em geral e de capital em particular.

A história das feiras livres se confunde em muitos municípios com sua história de origem e formação. No nordeste, sua importância deve-se ao fato de ser, por um grande período, o principal meio de abastecimento para a sociedade. Com o passar dos anos e os projetos que os agentes políticos desenhavam para o país para torná-lo urbano-industrial, as feiras livres passaram a ser associadas a atraso econômico e social.

Muitos processos levaram a diminuição, reestruturação e até mesmo extinção das feiras livres em muitas cidades brasileiras. No município de Feira de Santana, onde se encontra a Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) não foi diferente. Porém, compreendendo a importância da feira livre para a sociedade a Incubadora de Economia Popular e Solidária (IEPS), na sua caminhada, enquanto grupo de estudo, pesquisa e extensão vem trabalhando para a implantação de uma feira livre, com características de economia popular e solidária bem como agroecologia nas dependências dessa Instituição de Ensino Superior.

Numa breve contextualização, lembramos que tanto no Nordeste quanto em outras regiões do Brasil, temos em diferentes estilos e formas, vastos exemplos de experiências de comercialização e divulgação que evitam o atravessador e expõem os produtos da agricultura familiar, orgânicos, agroecológicos, de produção limpa e da economia popular e solidária. Nos espaços das universidades destacamos as feiras que acontecem na Universidade Federal de Santa Maria/RS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB/Campus I) que foram instituídas em diferentes momentos e viabilizam a comercialização de produtos da agricultura familiar e da economia popular e

solidária. Desse modo elaboramos o seguinte problema: De que forma a feira permanente realizada pela Incubadora de Economia Popular e Solidária (IEPS) promove melhoria na qualidade de vida de seus participantes? Assim justificamos a necessidade de estudar a feira promovida pela IEPS devido seu comprometimento em auxiliar grupos envolvidos com a agricultura familiar e a economia popular e solidária, sejam rurais ou urbanos, através do seu processo de organização, participação e autogestão dessa atividade enquanto espaço de comercialização, mas também político-pedagógico.

Objetivo geral: Mostrar a experiência de uma feira de economia solidária nas dependências de uma Instituição de Ensino Superior.

Metodologia

O contexto das feiras em Feira de Santana

A colonização brasileira ocorreu através do povo português que unia o processo político-econômico de ocupação de terras com as devoções religiosas da igreja católica, desse modo, Feira de Santana tem sua origem no início do século XVIII, na propriedade denominada Santana dos Olhos d'Água, pertencente a Domingos Barbosa de Araújo. Nesta fazenda foi construída uma capela em devoção a São Domingos e Senhora Santana, com o passar dos anos surgiu no seu entorno uma povoação que proporcionou a formação do município e da cidade.

A construção de casebres e senzalas, paralelo ao pouso de tropas e viajantes que se deslocavam da capital para o interior e vice-versa, foram alguns dos fatores que contribuíram para o estabelecimento de uma feira, tornando-se parada obrigatória entre aqueles que passavam pela estrada real de Capoeiruçu, provindo do alto sertão da Bahia, de Minas Gerais, Piauí e Goiás – principais criadores de gado bovino – em direção ao porto de Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira, às margens do rio Paraguaçu.

Com Cachoeira sendo a principal capital regional e ponto de convergência de toda a atividade econômica, logo após Salvador, a rota dessa estrada não poderia ser outra. O que veremos, desse momento em diante, é que Feira de Santana torna-se ponto privilegiado, pois a partir daqui toda a organização dos fluxos terrestres terá como passagem seus limites territoriais, o que lhe confere uma vantagem locacional superior perante os demais municípios.

A feira estabelecida ganhou relevante dimensão, de tal modo, que ainda na primeira metade desse mesmo século a povoação em torno da fazenda já era um centro de permutas

e escambos, o que proporcionou a formação de um arraial. Desse comércio, originou-se uma pequena feira livre realizada uma vez por semana. A concentração populacional foi se ampliando a ponto que no início do século XIX seus moradores solicitaram a criação do município.

A atividade industrial ainda não se faz presente, a produção de manufaturados vendidos na feira livre limita-se a objetos de cerâmica, fibra, madeira e, principalmente, artefatos de couro, sendo uma produção típica artesanal. Por sua vez, o comércio detinha uma posição privilegiada, segundo o Censo Comercial de 1950 apresentava um “[...] considerável aumento, conservando o município na sua posição no cenário comercial do Estado, concentrando-se na cidade 95% dos estabelecimentos [...]” (IBGE, 1958, p. 230).

O transporte rodoviário teve uma relevância singular na consolidação de Feira de Santana como centro urbano de grande influência regional. Segundo Silva; Silva; Leão (1985), o município e a cidade começam a se destacar no estado e no território nacional a partir de sua ligação rodoviária, segundo os autores: “Entre 1960 e 1980, Feira de Santana tornou-se um centro de irradiação de vias asfaltadas para todos os maiores centros urbanos do Estado e do País.” (p. 256).

De acordo Silva; Silva; Leão (1985) as transformações na organização espacial – especialmente urbana – com traços da antiga estrutura colonial, onde Salvador é o único centro polarizador resulta da “[...] dinâmica da economia do Estado, verificada nas últimas décadas, [...]” (p. 257). Os autores também chamam a atenção para o fato de que núcleos urbanos como Feira de Santana ganham em dimensão e poder econômico passando a competir dentro do Estado por uma posição de comando diante de antigos núcleos como Santo Amaro e Cachoeira que perderam importantes áreas de influência para Feira de Santana e mesmo para Salvador.

As mudanças na organização espacial da cidade seguem a trajetória proposta pelas ações capitalistas. O conjunto de transformações, planejamentos e projetos propostos para a cidade estiveram sempre voltados para o atendimento dos interesses daqueles que desejam o ajuste do espaço aos seus benefícios.

A leitura realizada sobre as transformações urbanas que ocorreram em Feira de Santana permitem inferir que o urbano se sobrepôs ao rural, afirmando-as que desde a segunda metade do século XIX, até a atualidade é possível observar a tendência do crescimento urbano e o processo de urbanização obedecendo a dinâmica da modernização, tanto na escala nacional, como estadual e local.

A década de 1980 é marcada pela continuidade da atividade comercial como propulsora da economia de Feira de Santana. O destaque desse período deve-se ao fato de que a partir dele a indústria associa-se a este processo. Como consequência o mercado de trabalho apresenta um maior movimento, principalmente, nas vagas que exigem profissionais mais qualificados. Para Oliveira (2012, p. 91)

[...] Feira de Santana passou de 1950 a 1980 por uma intensa alteração em sua estrutura econômica, dinamizando o comércio e aumentando, consideravelmente o número de empregos. Essa combinação de fatores, fez da cidade um pólo de migração, tornando ainda mais complexa a estrutura urbana feirense.

Nos cinco primeiros anos da década de 1990, os ajustes de produção realizados nos cenários estadual e nacional vão revelar, na economia feirense, sinais de esgotamento. O fim de períodos de incentivos fiscais, a ausência de uma política industrial regional, a hesitante política econômica nacional e a inflação elevada foram os principais elementos para o fechamento de diversas empresas no CIS. (NASCIMENTO, 2006). Mesmo com uma perspectiva negativa, o comércio consegue se manter, segundo Cruz (1999, p. 234) “Feira de Santana continuou sendo uma cidade eminentemente comercial, em que pese todo o processo de industrialização”.

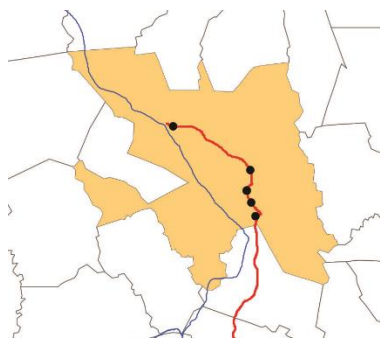
Quanto a sua importância logística, as rodovias federais contribuíram sobremaneira para seu fortalecimento. Assim como Freitas, esse autor acredita que as rodovias que cruzam o território de Feira de Santana são resultado de uma organização maior que se utilizou desse município para a consolidação de seus interesses. Por sua vez, Feira de Santana acabou por se beneficiar dessa estrutura exógena e se firmou na sua hinterlândia como polarizadora da economia, na circulação de pessoas e mercadorias.

A organização econômica de Feira de Santana vem, historicamente, contribuindo para seu fortalecimento enquanto município polarizador de sua microrregião. De sua origem, ainda no período colonial até próximo a década de 1980, a atividade primária tem grande representatividade, porém é a atividade comercial – com destaque para o comércio de gado bovino – que permitirão o fortalecimento e consolidação de sua área urbana.

Além da posição geográfica que garante uma localização estratégica, os atuais fluxos de capital resultantes da reestruturação produtiva e das ações de governo que promovem um processo de descentralização das atividades em nível nacional são as principais bases para

que a cidade de porte médio, como é o caso de Feira de Santana, reforcem arranjos paralelos às intensas mudanças consolidadas.

Percebemos que na última década, a população tem voltado sua atenção para as feiras agroecológicas, a preocupação em consumir produtos livres de agrotóxicos e produzidos pela agricultura familiar, sem a exploração da mão-de-obra tem encontrado um número crescente de interessados. No município, outras feiras tem aparecido com este formato, porém a característica que diferencia a relatada neste artigo refere-se ao acompanhamento realizado por um grupo de pesquisa e extensão. Nesse caso, a feira vai além do momento da comercialização, os feirantes tem uma relação diferenciada, pois estão presentes e decidindo todas as etapas da sua realização como será detalhado no item a seguir.



Saberes e Sabores: A experiência da feira na UEFS

A caminhada da Incubadora de Economia Popular e Solidária (IEPS) levou a implantação de uma feira de comercialização e divulgação dos produtos da agricultura familiar e da economia popular e solidária no espaço da UEFS. Desde 2008 esse projeto é idealizado, a partir da concorrência no Edital 007/2008, da FAPESB, para a implantação de uma “Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UEFS”, passando em 2010 para o acolhimento e gestão da PROEX que resultou no cadastramento como “Implantação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da UEFS”, resolução CONSEPE 150/2010 e na Pesquisa, pela Resolução CONSEPE 116/2010.

Ao longo desse período, a IEPS tem atuado em diversas atividades, principalmente de extensão, dentre elas, a consolidação da feira, esta acontecia de forma periódica nos

espaços das cantinas dos módulos I e VII até o ano de 2016. Tornou-se permanente no ano de 2017, ocorrendo em frente a IEPS (no CAU III/próximo aos bancos) com uma frequência mensal e agora, no segundo semestre de 2018, tornou-se quinzenal e posteriormente será semanal.

A implementação de políticas neoliberais nos países da América Latina nos anos 90 trouxe como resultados fatos indiscutíveis, entre eles, a piora acentuada das condições de emprego e de acesso à renda por parte dos mais pobres, e a consequente concentração da renda e da riqueza em todo o continente. Dentre outras consequências foi possível detectar o ressurgimento de formas associativas de produção e consumo seja nas cidades ou nas áreas rurais como resposta parcial dos movimentos sociais à crise ou simplesmente como busca de alternativas de sobrevivência (CRUZ, 2006). A universidade deve estreitar sua relação com a comunidade que a cerca e, mais ainda, buscar a transformação efetiva das condições de vida da sua população, a feira é uma dessas tentativas.

Há muitos anos o município de Feira de Santana vem sendo um dos que mais cresce economicamente no Estado da Bahia. Impulsionado pelo contínuo crescimento do comércio e dos serviços que o credencia a ser um dos maiores do Brasil, ocupando o 31º lugar em PIB de uma economia local. Maior que algumas capitais do país, Feira de Santana representa, atualmente, a 4ª economia do Estado, tornando-se um centro de atração de investimentos de mega corporações, de produção de riquezas industrializadas e de alta produtividade econômica com garantia de lucratividade acima das médias regionais e nacionais, registrando crescimento médio 7,2% entre os anos de 2002 a 2009. Paradoxalmente, trata-se de um crescimento que não é usufruído por uma parcela significativa da população com baixa qualificação profissional, particularmente, da faixa etária ingressante no processo produtivo, pessoas com idade avançada, além de analfabetos e semialfabetizados que são obrigados, por não restar outra opção, a participarem das Feiras Livres espalhadas por toda parte da Cidade, permanecendo por longos períodos às margens do crescimento e desenvolvimento econômicos, reproduzindo-se a revelia dos benefícios governamentais e mercadológicos que uma economia dessa natureza poderia proporcionar. Com efeito, o município de Feira carece de programas e iniciativas que busquem não somente o crescimento econômico, mas também a consolidação de oportunidades que possibilitem a inserção sócio produtiva desses grupos marginalizados. Nesta esteira, no intuito de possibilitar outras oportunidades a segmentos marginalizados pelas regras estabelecidas pelo mercado de trabalho tradicional, o Programa de Iniciativas da Economia Popular e Solidária (IEPS-UEFS) propõe implementar, no espaço de alimentação Cantina do módulo

VII, um projeto de Incubação de Iniciativas Econômicas Populares Solidárias que trabalhe com alimentação, especialmente, lanches para o público interno da comunidade universitária, cujo o interesse, em parte pela sua natureza de esclarecimento, é a apreciação do consumo consciente de produtos e serviços da Economia Popular e Solidária. Deste modo, o Projeto revela-se um espaço integrado de aprendizagem, na perspectiva do trabalho coletivo, cooperação, solidariedade, associação, entre outros princípios, visando o desenvolvimento de ações de capacitação profissional, com vistas à inserção sócio-produtiva e à promoção da cidadania aos participantes de iniciativas municipais de Economia Popular e Solidária.

A UEFS tem um público frequentador do seu espaço estimado em aproximadamente 5 mil pessoas que se distribuem entre cursos de graduação, pós-graduação, extensão, funcionários, frequentadores da biblioteca e demais espaços da instituição. Isso a coloca numa situação próxima a população de muitos pequenos municípios de nosso estado.

Diante desse fato, os membros da IEPS começaram a pensar como levar à feira aqueles que estão cotidianamente, ou mesmo, de forma esporádica, presente no ambiente da UEFS, chegou-se à conclusão que a divulgação da existência de uma feira seria um dos elementos a se trabalhar de modo a promover a mesma. As figuras abaixo (Figura 1) são exemplos dos cartazes de divulgação da feira e da logomarca criada de modo a colaborar na memorização do público frequentador da UEFS da existência e periodicidade da feira.

Figuras 1 – Cartazes de divulgação e logomarca da feira



Criação: Bolsistas da IEPS, 2017/2018

A divulgação também ocorre através de faixas espalhadas pelo campus, informando data e local, outro instrumento que colabora para a identificação da feira.

Figuras 2 – Faixas de divulgação da feira



Fonte: Acervo da IEPS, 2017-2018

A feira tem se mostrado um importante ambiente de comercialização e geração de renda para seus participantes.

A Economia Popular e Solidária encarrega-se de satisfazer as necessidades de reprodução da vida manifestando-se sobre a ótica das diversas dimensões de atuação dos sujeitos, seja social, política, educacional, ambiental, cultural, bem como se organiza sobre a lógica de outras tipologias como associações, cooperativas, grupos informais, no intuito de agir sobre os princípios do trabalho coletivo, comércio justo, consumo consciente, associativismo, cooperação, solidariedade e ação econômica (LIMA, 2011). Organizando-se desta maneira esta economia se configura como uma organização de sujeitos em uma perspectiva socioprodutiva em contraposição a lógica da economia tradicional que se organiza sobre a ótica da produção em que o capital configura-se como o centro de convergências de interesses manifestados nas unidades de produção e de consumo, regidas por princípios da competitividade e individualismo visando a otimização na combinação de fatores de produção capital e trabalho, sobre o comando do primeiro com o fim da maximização do lucro (LIMA, 2012). Para operacionalizar este modo de trabalhar é preciso lidar com uma educação em que todos ensinam e todos aprendam de forma natural numa interação dialogada sem a preocupação com a divisão do trabalho e das especialidades, ou seja, o trabalho, as rotinas, os postos circulam entre os sujeitos sem haver a necessidade formativa cursista ou externa. Desse modo, a contribuição dos feirantes na construção da feira se fez como um dos critérios para a sua participação, são estes que decidem dia, horário de funcionamento, estrutura das barracas, criação e manutenção de fundos de apoio. Nas figuras a seguir (figuras 3) é possível observar dois desses momentos: numa reunião de

elaboração de regras para a feira e numa reunião com a reitoria e unidade de infraestrutura para organização do local da feira.

Figuras 3 – Feirantes em elaboração de regras e com a reitoria da UEFS



Autores: MOURA, 2017. LIMA, 2017

Dentre as particularidades da feira de Saberes e Sabores da UEFS estão a promoção de rodas de conversas com temas relacionados a economia popular e solidária, a agricultura familiar, produção limpa, acesso aos mercados, dentre outros. Essas acontecem durante a realização da feira contando com a presença de feirantes, consumidores e demais interessados, independente de adquirir produtos na feira. (Figura 4).

Figura 4 – Roda de conversa durante um edição da feira



Fonte: Acervo IEPS, 2017

Na análise dos elementos históricos de formação e consolidação da feira livre de nosso município, encontramos relatos que a mesma era mais que um ponto de comercialização, ocorria uma verdadeira festa, onde cordelistas declamavam seus versos,

repentistas tocavam suas trovas e cada artesão expunha suas criações. Nas edições da Feira de Saberes e Sabores tem-se buscado reviver essa realidade passada. As figuras 5 mostram uma parte das atividades realizadas durante a feira com declamação de cordel, exposição de produtos da agricultura familiar e de artesanato de grupos de trabalho coletivo além da apresentação do coral da UEFS.

Figuras 5 – Atividades realizadas durante a Feira de Saberes e Sabores



A comercialização de produtos com indicação de origem, a geração de renda bem como a variedade de produtos e atividades promovem uma particularidade nesses espaços que contribuem para a sua divulgação, consolidação e sucesso. O contato entre produtor e consumidor é outro atrativo a destacar pois promove a criação de laços afetivos e identitários.

Considerações Finais

A feira livre exerceu um relevante papel na consolidação econômica do Brasil e no Nordeste em especial, como principal formato de abastecimento para a população, essa ganha com elementos culturais que vão além da comercialização de produtos agropecuários quando considerados a cultura representada através do artesanato, música e literatura.

Referências

CRUZ, 2006.